

A gerência do Brasil

17. X. 52

RAUL PILLA

O BRASIL precisa de um gerente. Tal é o lema do sr. Ademar de Barros. E não se faz mister pôr mais nada, para entender que o gerente de que o Brasil precisa é o mesmo sr. Ademar de Barros.

Ninguém negará que nos convém pôr ordem em nossos negócios. E que para isto necessitamos não só de um, mas de muitos gerentes: alguns (não apenas um) na administração da República, um, pelo menos, na de cada Estado, um na de cada Município. Será, porém, comparável a um negócio o governo de um país?

Aí está uma primeira dúvida. A finalidade do Estado é muito mais complexa, muito mais alta, que a de qualquer empresa industrial, ou comercial, por gigantesca que seja. Nem tudo se reduz a economia e finanças na vida de um povo. Há também fatores morais e espirituais, que não podem deixar de ter a primazia, numa nação que não tenha perdido a consciência de si mesma. Para a Standard Oil Co., por exemplo, tudo se reduz a tirar o maior lucro possível do petróleo; e, para isto, não precisa ela senão de boa gerência. Para o Brasil, porém, não bastaria a conveniente exploração dos seus recursos naturais, embora isto seja fundamental. O que precisamos urgentemente é restaurar as bases morais da nacionalidade, já em franca decomposição. E, para tarefa semelhante não estaria bem indicado um simples gerente, por mais ativo e capaz. A restauração do Brasil é tarefa para verdadeiros estadistas, não para simples gerentes. O Brasil não é o Banco do Brasil; para este mesmo, pois não é somente uma casa de negócios bancários, nada menos indicado que a direção de um homem de negócios.